

Sol Nascente

Sumico Matsunaga

Sol Nascente

Sumico Matsunaga

Esse livro está à venda em <http://leanpub.com/sol-nascente>

Essa versão foi publicada em 2024-06-23



Esse é um livro [Leanpub](#). A Leanpub dá poderes aos autores e editores a partir do processo de Publicação Lean. [Publicação Lean](#) é a ação de publicar um ebook em desenvolvimento com ferramentas leves e muitas iterações para conseguir feedbacks dos leitores, pivotar até que você tenha o livro ideal e então conseguir tração.

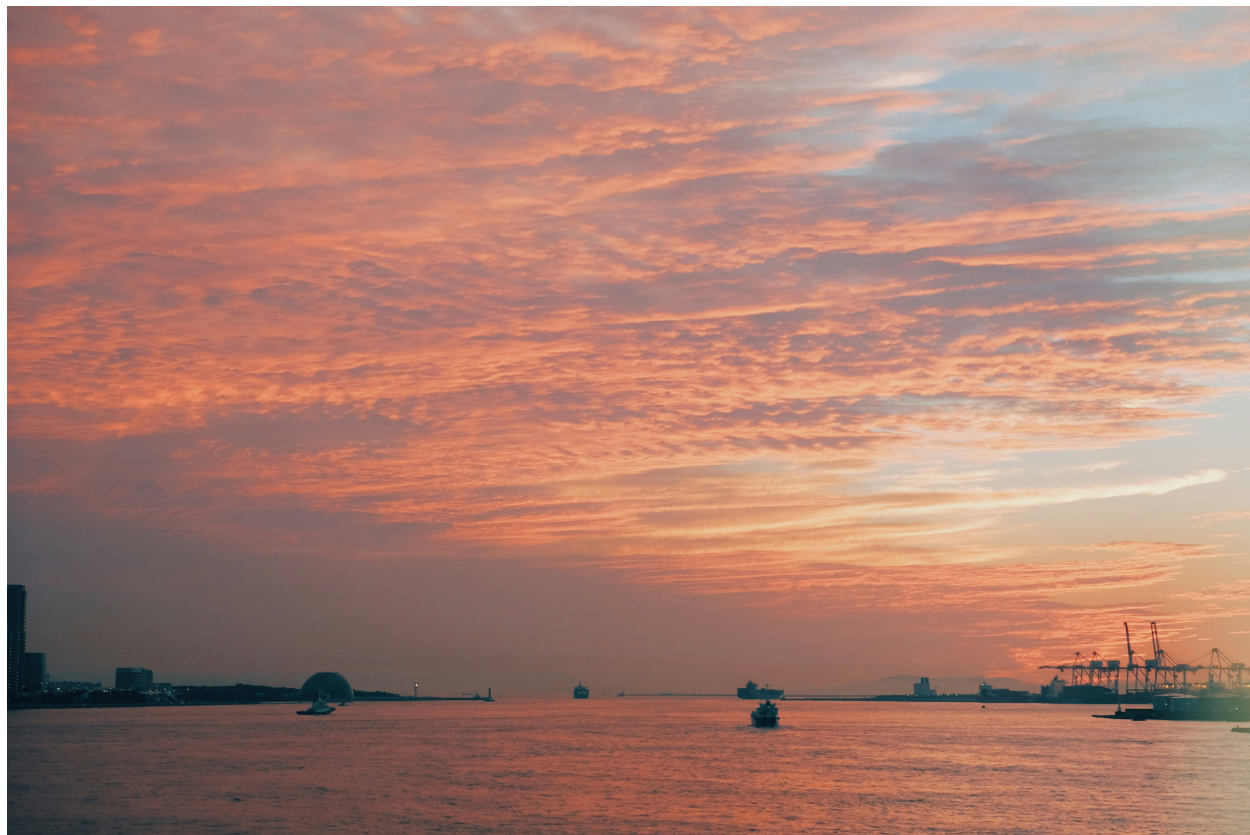
© 2024 Sumico Matsunaga

Dedicatória: (...)

Conteúdo

Prólogo	1
O casamento de Odila	4
O dom de Alice	5
Silvio ia fugir	6
João não precisa de babá	7
Alazão	8
Brincadeiras inadequadas	9
Morangos	10
Lucy e o baile	11

Prólogo



A figurinha distante, miúda, porém esperta, veio correndo em direção ao jovem que a esperava ao lado do límpido riacho que cortava aquelas terras, em direção às montanhas. Como de costume, se abraçaram e começaram a conversar, molhando os pés alegremente na água fresca, rindo e depois cantarolando.

Inocentes, trocavam ideias, apesar da diferença de idade. Ela nos seus doze anos e ele aos vinte - já com o físico forte e atraente formado, em perfeita harmonia com o rosto de traços bonitos, emoldurado por vasta cabeleira negra. A menina, bastante madura para a idade, tinha a aparência agradável, embora não exatamente bonita, porém no rosto se sobressaía os olhos, vivos e inteligentes, que pareciam tudo ver e analisar.

Naquela tarde, algo pairava no ar e ela percebeu de imediato. Encarou-o firmemente e ele enrubescceu.

— O que foi? - perguntou, já completando - aprontou de novo com seu pai?

Ele sabia que não conseguiria esconder nada dela.

— É, discutimos de novo! Ele quer que eu assuma os negócios, mas não quero essa vida para mim.

— Ainda está pensando no que me falou outro dia? Na viagem?

O rapaz sentou-se, agitado e ela fez o mesmo, puxando a longa saia até os tornozelos molhados.

— É... meu tio confirmou que pode me levar, se meu pai autorizar.

— E ele não deixou, não é?

Num repente nervoso, ele arrancou um punhado de grama e amassou entre os dedos.

— Depois de muita discussão, consegui convencê-lo com uma condição ele que impôs.

— Qual?

— Que eu volte no máximo em cinco anos e assuma os negócios da família, que segundo ele é minha obrigação como primogênito.

Trocaram olhares, rindo.

— Quando vocês partem?

— Daqui a um mês. Meu tio já está providenciando os documentos.

Pareceria um diálogo simples se o local onde ocorria não fosse um vilarejo da província de (Kumamoto), no (Japão), e a tal viagem uma aventura em direção a um país sul-americano chamado (Brasil)!

No dia da partida, toda família estava no cais, acenando para o grupo que os observava, ansiosos, do enorme navio que os levariam para tão, tão longe, como ela disse entre lágrimas ao se despedir dele.

Trocaram juras de se guardarem um para o outro até o retorno, o que, àquela altura parecia quase impossível - porém, havia esperança no coração dela, tanto pela tenra idade, como pelo sentimento que nutria por ele, que bem mais tarde identificou como amor.

Abraçada à irmã gêmea, (Midori), (Hana) se afastou somente quando o grande navio desapareceu no horizonte, deixando apenas reflexos reluzentes do sol sobre o mar, que apesar de tudo, parecia calmo, sem vestígio de qualquer tempestade.

As irmãs, muito inteligentes, eram gêmeas idênticas e disputavam entre si o primeiro lugar no colégio que estudavam. Claro que tal lugar era alternado entre uma e outra, com ligeira vantagem para (Hana), que além de tudo tinha uma veia poética, fazendo de todo acontecimento, feliz ou não, uma poesia, conhecida no Oriente como *Haiku*.

— Você vai esperar por ele? - quis saber (Midori), que conhecia o temperamento agitado da irmã.

Uma gargalhada alegre cortou o ar quando (Hana) respondeu, com o característico brilho nos olhos:

— Vamos ver!

O casamento de Odila

As duas irmãs conversavam ao lado do fogão à lenha, uma recostada na parede após lavar os pratos do jantar e a outra costurando, com dedos ágeis, o vestido de noiva.

(Odila) estava feliz e ansiosa com a proximidade do casamento. Fora prometida a um belo rapaz, com o qual simpatizara logo ao conhecê-lo.

A família, agora composta de pai, mãe e oito irmãos, havia perdido o terceiro, aos três anos de idade, acometido por uma febre que não cedeu aos diversos tratamentos. Houve consenso no sentido de que o mesmo não se adaptou ao clima tropical, tão diferente do asiático, do qual viera.

Os pais, embora já adaptados aos país que os acolheu, seguiam, como a maioria das famílias japonesas, o costume tradicional de escolher os maridos das filhas.

(Odila) achava uma grande sorte que seu pretendente lhe agradara - sabia de casos em que amigas eram “obrigadas” a aceitar a escolha dos pais, independente de gostar ou não, o que para ela, de início, já significava uma grande desgraça.

A grande família era muito unida, e todos já sentiam saudade dela, já que era uma das mais brincalhonas, fazendo suas tarefas com alegria, sem nunca reclamar de nada. Por ser a irmã mais velha, logo abaixo do primogênito (Chico), sentia-se como uma segunda mãe para os irmãos menores.

Claro que em meio a tarefas, brincadeiras e afins, havia brigas colossais, mas logo tudo voltava ao normal, como após uma tempestade.

Quando o grande dia chegou, houve festa na residência da noiva, com direito a peixe assado beliscado pela caçula que fora encarregada de buscá-lo no forno distante da cozinha, como era costume nos sítios daquela época.

A outra festa, realizada em uma cidade chamada (Junqueirópolis), mais de 600 km distante, contou com apenas metade da família da noiva, tendo como destaque o peralta (João), de seis anos, que fez xixi nos convidados de cima de um caminhão.

Vergonhas e desculpas à parte, tudo se realizou conforme o previsto, e (Odila) se despediu aos dezenove anos para iniciar a sua saga particular.

O dom de Alice

Esse conteúdo não está disponível na amostra do livro. O livro pode ser comprado na Leanpub em <http://leanpub.com/sol-nascente>.

Silvio ia fugir

Choro sentido do moleque Silvio, que tinha levado um pescoção do pai, corretivo necessário para os levados da breca!

Ele era um garoto franzino, teve vários problemas de saúde, o que o tornou o “dodói” da mamãe. Porém, como muitos garotos, não gostava de estudar e tinha ideias aventureiras que achava mais atraentes que ficar sentado nos bancos da escola, aprendendo lições.

Assim, com a desculpa do tal pescoção, arrumou uma trouxa com algumas roupas, amarrou-a numa vara de pescar e, entre soluços, com ela nos ombros, dispôs-se a fugir de casa.

Os dois irmãos menores, João e a caçula, correram atrás, implorando pela sua volta.

Bastante contrariado, atendeu aos apelos e voltou, sentando-se num canto da casa, e ficou matutando sobre a próxima travessura!

João não precisa de babá

Esse conteúdo não está disponível na amostra do livro. O livro pode ser comprado na Leanpub em <http://leanpub.com/sol-nascente>.

Alazão

Antônio voltou satisfeito para casa: havia adquirido um belo cavalo, que batizou de Alazão.

Era meio chucro, mas ótimo para o serviço a que se destinava: puxar uma corda amarrada em seu pescoço que fazia girar, em movimentos ritmados, um tipo de “pilão” de madeira maciça sobre o barro que seria utilizado para “empelotar” as mudas de eucalipto que comercializa em caixas de madeira.

A ordem expressa aos filhos era que não o montasse, pois nem sequer sela tinha para esse fim.

João olhava para ele quando o pai o soltava para se alimentar do capim que crescia viçoso nos arredores do pequeno sítio.

Um belo dia, não resistiu: montou-o em pelo após colocar uma corda em seu pescoço. O cavalo trotou um pouco e depois, irritado com o puxão na corda para acelerá-lo, deu um pinote e derrubou o garoto ao chão de terra.

De longe, o pai observou o garoto carido ao lado do cavalo e gritou:

— Montou e caiu?

João levantou-se, o rosto sangrando com a aba da narina direita descolada, e respondeu, bem alto:

— Não!

Brincadeiras inadequadas

Os garotos gostavam de jogar bola. Como não tinham uma, improvisavam enchendo uma meia velha com trapos, de forma a deixá-la bem dura.

Por ser menor, João nunca tinha chance de chutar a bola, privilégio dos maiores, que se divertiam a valer.

Certa vez, chamaram-no para chutar e lá foi ele, todo feliz, realizar tal façanha.

O grito de dor cortou o ar quando João levantou o pé descalço após o forte chute, sangrando e com a unha do dedão pendurada.

Por maldade, tinham colocado uma pedra dentro da meia...

Outra brincadeira que os divertia, essa com esporádica participação das irmãs, era colocar cocô dentro de uma caixa, embrulhá-lha com jornal ou papel pardo do armazém, e deixá-la na estrada de terra, como se tivesse caído de algum veículo.

Por ser zona rural, e bastante pobre, poucos carros passavam por lá, mas quando isso ocorria, fatalmente o motorista parava, olhava cautelosamente ao redor, pegava a caixa e partia em velocidade.

A brisa espalhava as gargalhadas do grupo que tudo observava, escondido atrás das árvores frondosas!

Morangos

Esse conteúdo não está disponível na amostra do livro. O livro pode ser comprado na Leanpub em <http://leanpub.com/sol-nascente>.

Lucy e o baile

Esse conteúdo não está disponível na amostra do livro. O livro pode ser comprado na Leanpub em <http://leanpub.com/sol-nascente>.